



FERREIRA GULLAR

“Não sou viciado em poesia”

Um dos raros consensos no agitado mundo literário é de Ferreira Gullar ser o mais importante poeta brasileiro vivo. A primazia se deve a uma trajetória de grande alcance temporal, durante a qual o maranhense comprovou sobejamente o talento para a escrita e a pertinência de acreditar nas próprias intuições.

Se em São Luís ainda estava impregnado de Parnasianismo, mudou radicalmente ao conhecer a poesia moderna, como comprova *A luta corporal*, que publicou em 1954, já no Rio de Janeiro. Precursor e praticante do Concretismo, fundou depois o Neoconcretismo, que trocou mais tarde por uma verdadeira entrega à militância, com direito à redação de cordéis engajados. Finda a ditadura, desligou-se da política, refluíu para a estética e deu continuidade a uma produção que atesta a sabedoria de aliar agudeza de espírito, apuro formal e atenção à vida.

Cláudia Sampaio, Dau Bastos, Leonardo Martinelli e **Marcos Pasche** entrevistaram Gullar em seu apartamento, em Copacabana. As páginas a seguir resumem um encontro de mais de três horas, ao longo do qual falou-se sobre os mais variados temas, do estatuto da arte à crise de valores da humanidade, dos textos de circunstância ao equívoco do hermetismo, da prática do ensaísmo à especificidade da poesia.

Os sete poemas portugueses de A luta corporal marcam, a um só tempo, o início de sua real carreira literária e o final da fase provinciana de seu trabalho. No poema “4”, segundo do livro, está: “Aqui se inicia / uma viagem clara / para a encantação”, e, mais adiante: “Nada vos sovino / com a minha incerteza / vos ilumino”. Passados mais de cinquenta anos, sua obra mantém essa busca de iluminação?

Na verdade, o que falei a respeito desses sete poemas portugueses é que eram um ajuste de contas com o passado: ainda havia o que dizer usando métricas e rimas. Acredito que o meio de expressão condiciona a percepção. Você apreende o mundo não só porque ele é como é; ele é uma invenção. Apreendo o mundo através da minha capacidade de expressá-lo. Quando mudo a linguagem da poesia, passo a ver o mundo de outra maneira. Tanto que nos anos seguintes houve uma volta à coisa material, como se fosse uma coisa primeira, uma redescoberta. Minha poesia mudou muito. Muitas coisas que aconteceram ao longo de minha vida também transformaram a maneira de eu me relacionar com a poesia. Mas acredito que a coisa mais constante na minha poesia envolva, sim, o propósito de iluminar o que há de misterioso e fascinante na existência. Isso foi se tornando mais acentuado após minha experiência política pelo Brasil, pelo mundo. Há um retorno a uma indagação, a uma espécie de perplexidade. É isso que, a meu ver, marca esses poemas.

Por trás da ligação de sua poesia com a luz, haveria a utopia de melhorar o mundo pelo trabalho com a linguagem?

O que acho hoje é que o mundo é inventado. Existe um mundo material, é claro, mas vivemos num mundo inventado, o mundo

cultural. A natureza é fundamental, porém o ser humano é um ser cultural que vive num universo de valores que ele criou, porque a realidade não basta, não o satisfaz. A arte vem para suprir essa necessidade de ir além das coisas que o homem tem. Acho que a poesia enriquece o mundo. Um poema de Drummond, um quadro de Van Gogh ampliam e melhoram a vida. Mas penso que a poesia, a pintura, o teatro e as artes em geral não são o caminho eficaz para mudar a sociedade. É claro que o cara que quiser fazer arte com uma visão ideológica, tudo bem, cada um que faça o que quiser e tiver necessidade. Acho, porém, que na atualidade não é isso que decide. Pode até contribuir, mas pouco e a longo prazo.

A referência a Van Gogh faz lembrar o ensaio sobre Artaud que você traduziu e foi publicado pela José Olympio. Artaud disse que depois de Van Gogh as cores da natureza não foram mais as mesmas.

Concordo com Artaud. Quando me referi a Van Gogh, queria dizer que a pintura dele acrescenta alguma coisa à natureza. Em lugar de imitar a natureza, ele a transforma. Um quadro de Van Gogh mostrando a paisagem não é a paisagem, é uma criação a partir dela. A arte não é expressão da realidade, é uma invenção a partir da realidade, das experiências e, sobretudo, das necessidades reais. Ela acrescenta à realidade. Até costume dizer que há o sistema solar, os planetas, as galáxias, enfim; aí Van Gogh pintou os girassóis e o universo passou a ser tudo isso mais os girassóis que ele pintou, uma coisa bela foi acrescentada ao mundo. Só que a invenção não se dá a partir do nada, porque você pode inventar que é Napoleão Bonaparte mas ninguém acredita. Não basta inventar, tem que

encontrar no outro a aceitação do que você inventou. Você pinta uma noite estrelada, mas a pessoa que não quer saber de sonho nenhum vai dizer: “Isso não existe, não quero saber disso”. Mas em geral o ser humano quer cada vez mais a noite transfigurada e louca, a ponto de ela virar uma parte a mais de nossa vida, da humanidade, e se manter.

Nas faculdades de Letras, você consta das listas de leituras obrigatórias, frequentemente associado ao binômio lirismo/participação. Como vê isso?

Devido à minha atuação contra a ditadura, há uma tendência, um pouco furada, de se supervalorizar a temática política em minha obra. Talvez seja mais uma facilitação didática, um recorte reducionista. Não é correto me verem como poeta político. Só tenho um livro em que a temática política realmente prepondera.

Sua trajetória política, de enfrentamento da ditadura e exílio, certamente contribui bastante para associá-lo a nomes como o de Neruda.

Neruda teve mais atuação, mais presença política do que eu e fez mais poesia política do que eu. Mas a tendência a rotular as coisas é natural. Por ser difícil distingui-las, é mais fácil encontrar uma definição mais ou menos esquemática e adotar.

O livro Um pouco acima do chão (1949), publicado com recursos próprios, ainda nos tempos de São Luís, não foi incluído em Toda poesia sob a alegação de ser um livro ingênuo. Entretanto, os cordéis estão presentes.

Cheguei a querer tirar os cordéis, mas acabei deixando porque acho sinceramente que ali há mais a preocupação de conscientizar politicamente as pessoas do que poesia de fato. A ideia de que se deve baixar o nível de qualidade para fazer poesia popular e chegar às massas é furada. Não chegamos a nada. Isso foi no tempo do Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, quando estava em pauta a revolução, a transformação da sociedade brasileira etc. Uma utopia. Depois do golpe acabou a ilusão, pelo menos a minha. Foi um baque muito sério e deixou clara uma série de intuições que eu já tinha a respeito do caminho a seguir. Com minha experiência depois na URSS, Chile, Argentina, fui me convencendo cada vez mais do quanto de ilusão havia naquilo. Quando estava no Chile, vi a extrema esquerda contribuindo para derrubar o Allende. O cara chegou à presidência da República com uma dificuldade danada, tentava conduzir o barco pressionado por todos os lados, e os esquerdistas criando fatos absurdos que desgastavam sua autoridade. O governo foi ficando encurralado, não podia reprimir os porras-loucas e isso contribuiu para seu desgaste junto às forças armadas. Muitos deles foram para a rua e começaram a pedir: “Fecha o Congresso!” O quadro era realmente muito complexo e até desesperador. Não basta chegar ao poder. Chega-se ao poder, mas aí surgem problemas cada vez mais difíceis de resolver.

Escrevendo sobre Poema sujo (1975), Paulo Mendes Campos se referiu a você como um poeta lúcido. Com o adjetivo, parece ter mantido a consciência e, ao mesmo tempo, eliminado o engajamento stricto sensu. Nada mais apropriado para alguém como você, que naquele momento de exceção usou o texto como arma, porém manteve o zelo pelo aspecto artístico da escrita.

A palavra *lúcido* tem várias interpretações. Acho que ele se refere à existência de certo grau de objetividade mesmo onde eu trate de questões mais subjetivas. Acho que também se refere a essa consciência do trabalho poético.

Talvez lúcido se deva também ao fato de você, ainda em meio à ditadura, não mais acreditar em transformações milagrosas e imediatas. O poema “Boato”, de Dentro da noite veloz (1975), diz: “Ora eu sei muito bem que poesia / não muda (logo) o mundo. / Mas é por isso mesmo que se faz poesia: / porque falta alegria. / E quando há alegria / se quer mais alegria!”.

Sim, acredito que também seja por aí. Até porque naquela época eu já tinha percebido muitas coisas que tiraram de mim algumas ilusões ingênuas.

Em “Nasce o poema”, de Muitas vozes (1999), lemos que “a manhã apaga as perguntas da noite / (...) / a memória dorme / o presente ri”. O poeta pode, pela loucura, presentificar os acontecimentos?

Para ser sincero, nunca estive à beira da loucura, nunca achei que fosse pirar. Sempre fui fascinado pelo lado escuro da vida e pela complexidade que a loucura expressa, mas jamais me deixei arrastar por isso. Sempre fui muito seguro, como se tivesse a possibilidade de mexer nesse mundo louco sem correr risco de me afundar nele. Agora, o que faço é desaprender a escrever e, pela desordem, chegar ao indizível. É que não acho que a racionalidade seja tudo. Tenho horror quando se subestima a capacidade do homem de governar

as coisas, mas sei que a razão não basta, especialmente quando se trata de arte. É uma coisa complicada que, ao mesmo tempo, tem a ver com a linguagem. Se desordeno totalmente a linguagem, não expresso nada; se me submeto à ordem total, só expresso o que a ordem me permite expressar. Fora da linguagem, do ponto de vista da expressão, não há nada. Os significados não estão dispersos no ar, e sim na linguagem. É com ela que tenho que fazer. Acredito que o erro do Concretismo é achar que pode fazer uma poesia sem sintaxe, sem discurso, porque o discurso é o que expressa a complexidade, sem discurso você cai no abstrato. Por isso digo com convicção que a poesia concreta não é concreta, é abstrata. Concreto é o resultado de todas as determinações: esse gato que está aqui em casa, que come, que dorme, que anda e que vive comigo, é o gato que existe. Mas o gato não existe, é uma ideia abstrata do animal.

Mesmo depois de “Traduzir-se”, a gente vê em sua poesia uma combinação de refinamento e realidade que talvez outros poetas não tivessem legitimidade de fazer.

Sou uma pessoa muito comum, ligada à vida, comprometida com a precariedade das coisas. Não sou intelectual no sentido do cara que acredita compreender o mundo. Estou lutando para entender, mas sem renunciar às coisas. Não é uma coisa deliberada, não é uma atitude estética, mas é isso, a minha poesia nasce de coisas muito simples, do espanto da própria realidade. O poema “Traduzir-se” nasceu de eu de repente ter percebido que sou uma pessoa conhecida, saio no jornal, os outros se referem a mim, mas sou também uma pessoa incompreensível, um enigma, a solidão profunda.

Existe uma contradição entre a imagem que as pessoas têm de mim e este ser incompreensível e insondável que sou. Aí a Nara Leão lê o poema e acha que fala dela, o Fagner lê e acha que fala dele. Talvez falar pelos outros seja o sentido da poesia.

Você é um cidadão declaradamente inimigo do barulho excessivo das cidades. No entanto, sua poesia é marcada por alaridos, estampidos, latidos etc. Como o Ferreira Gullar se alimenta daquilo que o José de Ribamar Ferreira despreza?

É diferente. Quando me refiro a latidos de cão, são coisas que existem na realidade, e a minha poesia brota de tudo isso. Existem barulhos agradáveis: o rumorejar das árvores como lá em São Luís é uma coisa que está na minha memória até hoje. Agora, a sirene dos bombeiros, isso aí não dá, tenho horror ao excesso de barulho. Sempre fico muito irritado com a barulheira, e a cidade é barulhenta demais. Barulho não me faz falta e, nesse nível de poluição, é insuportável. Não é preciso, por exemplo, que as ambulâncias e os carros do Corpo de Bombeiros tenham sirenes tão altas, o que inclusive pode provocar acidente. Uma vez eu estava dentro do meu carro, parado num sinal. Uma ambulância a meu lado ligou a sirene e, ao invés de abrir caminho, quase me fez perder o controle do automóvel. Aquele barulho me assustou muito na hora. Para completar, inventam novas sirenes, cada vez mais atordoantes, contrárias aos interesses dos cidadãos, mas ganham a concorrência pública, vendem, ganham dinheiro.

Como é viver a contradição de gostar da convivência com o mundo e, ao mesmo tempo, precisar de isolamento para fazer poesia?

Não gosto de solidão. Não fico pensando, preocupado com a poesia. Estou no meu dia a dia e de repente algo me toca, me espanta ou me chama a atenção para um aspecto que não havia percebido, aí tento expressar isso com o poema. Sou um pouco arrebatado pela poesia, sou um pouco chamado. Confesso que às vezes me dá até um certo tédio, penso na poesia um pouco ressabiado. Não gosto de ir para aquele mundo a não ser quando sou envolvido por um sentimento, uma necessidade. Na verdade, não sou viciado em poesia, tanto que escrevo muito pouco. Quando estou escrevendo é um barato, mas quando não estou, fico bem também.

Você escreveu muitos ensaios sobre arte. Foi levado a esses textos por gosto pelo assunto ou por encomenda?

Meu interesse pela arte é anterior ao interesse pela poesia. A arte sempre me falou muito. Ainda garoto, antes de tentar ser poeta, pensei em ser pintor, por ser fascinado pela pintura. É evidente também que, no curso da vida, escrevi por encomenda, para revistas de crítica de arte.

No que concerne à elaboração, qual a diferença entre ensaio e poesia?

Ensaio é mais reflexão, teoria, tentativa de compreender, demonstrar. A poesia, não, é muito especial, é essa coisa que falei de inventar a vida. Quando escrevo sobre arte, procuro coerência no que digo e em relação ao que escrevi antes; quando faço poesia, não tenho essa preocupação. Essa é uma diferença importante entre a poesia e o pensamento teórico. A poesia também é um tipo de reflexão,

mas não busca coerência alguma. O que um poema diz pode estar em contradição com o que outro poema diga, porque o que importa é expressar, criar aquilo que naquele momento é sua necessidade, não interessa se o que você diz entra em choque com o dito em outra ocasião. A verdade da poesia e da arte é o que comove. Se toca, se fascina as pessoas, tudo bem.

O que você acha dos poetas brasileiros contemporâneos?

Não os conheço assim a fundo, confesso que li muito por alto, não tenho uma visão formada a ponto de dar uma opinião. Sei, sinto, conheço alguns que vejo que são poetas. Porque para mim a coisa fundamental é que o cara seja poeta, que se manifeste ali a presença de um poeta. Quanto à qualidade, àquilo que vai produzir hoje ou amanhã, depende de uma série de fatores que nem sempre se controlam. Acho que realmente há uma geração aí. Apenas não gostaria de mencionar nomes, pois poderia cometer a injustiça de excluir indevidamente algum.

Talvez pudéssemos redesenhar a pergunta afastando-a de nomes específicos, para pensar a poesia brasileira atual como um todo. O que você vê?

Estou vendo alguns poetas caminharem por um hermetismo que considero equivocado. A poesia é uma coisa com a qual ou pela qual se deve buscar a complexidade, mas você tem que dizer a complexidade de uma forma acessível a outras pessoas. Dizer a complexidade de modo enigmático vira um jogo para meia dúzia de pessoas ou para o cara mesmo. Percebo em algumas coisas que tenho lido uma tendên-

cia a uma linguagem desligada das referências que possibilitam que o leitor penetre naquilo. Não tem emoção, nem compreensão, não sei o que tem. Das poucas vezes em que li, não entendi absolutamente nada, então não sei para que o cara escreve. Certamente ele sabe. Acontece que a arte é uma coisa popular. Pode até não atingir as pessoas, mas não pode ser feita para eruditos, a exigir pesquisas, notas de rodapé. A linguagem da arte é a da comunicação, do afeto. Não pode requerer explicações e prefácios para ser entendida. Quer dizer, mesmo quando o cara é um Mallarmé, você sente que há uma comunicação, que a emoção e o mistério suprem a compreensão lógica. O que não pode faltar é comunicabilidade e emoção.

No texto “O Nobel para Gullar”, que Antonio Carlos Secchin leu em Estocolmo, vemos que você foi precursor do Concretismo, do qual se afastou por considerá-lo fora do mundo. É o mesmo Gullar que, hoje, vê com preocupação um certo pendor para o hermetismo. Entretanto, atualmente se vive também o outro extremo: uma poesia que se contenta com o prosaísmo. Como fazer versos sem resvalar nem para um lado nem para o outro?

Cada um que faça suas próprias opções. A vida não tem ordem preestabelecida, muitos são os caminhos, não existe apenas um público para a poesia. Me preocupa ver uma coisa enigmática, que não consigo entender. Estou aberto, quero entender, sou uma pessoa voltada para isso e não consigo. Então fico imaginando quem vai compreender. Por outro lado, tenho uma certa preocupação com a poesia massificada, porque a sociedade já está dominada pela mídia, a superficialidade e o sensacionalismo tomam conta de tudo.

Inventam valores falsos de tudo quanto é lado e a todo instante, para serem vendidos a qualquer preço e de qualquer maneira. O que menos vale é a reflexão acerca dos fenômenos, das coisas em si. A poesia talvez reflita a confusão em que vivemos.

Ao longo de mais de meio século publicando, você angariou cada vez mais admiradores e, hoje, é considerado o maior poeta brasileiro em atividade. Todavia, por mais que se propague, a poesia tem um alcance bastante limitado em termos de público. Como você vê essa questão?

Constato que há uma grande ilusão com relação ao mundo em que a gente vive, das multidões. Alguns dizem habitar uma cidade de dez milhões de habitantes, mas é mentira. Vivo numa cidade de trinta pessoas. Essa ideia de que só vale o que milhões leem ou assistem é a mídia, um lado do que vivemos, mas não o único nem o fundamental. Já assisti a uma peça de teatro num quarto, ao lado de cinco pessoas, e me emocionei mais do que em muita peça de teatro que tinha visto antes. O que importa para mim é a senhora que me encontrou na rua, tirou da bolsa um poema meu que estava guardado, relido, e disse que sempre andava com ele. Valeu mais do que um milhão de exemplares vendidos para leitores que não conheço, não sei se leram, se não leram, se deixaram o livro num canto. Temos que corrigir um pouco a visão dos valores reais. Mais vale o relacionamento afetivo real. A fama vale na sociedade de consumo, mas não alimenta afetivamente as pessoas. Como digo, a vida parte sempre de zero; por mais que encha, está sempre vazia.

É sabido que a Academia Brasileira de Letras adoraria tê-lo entre seus quadros. Continua descartando a possibilidade de se candidatar a imortal?

Sim, tanto que há pouco comprei um túmulo no São João Batista (risos).

Já em seu primeiro livro, Um pouco acima do chão, encontra-se o poema “Viagem diurna à roda de meu quarto”, em que se insinua a ida de algumas pessoas à sua casa, após sua morte, e se pode ler: “Foi aqui, neste quarto, / que morou aquele moço magrinho / que publicava versos no jornal”. Quando o umbral da eternidade for transposto, como gostaria de ser lembrado?

Sinceramente, essas coisas não me preocupam. Sou agnóstico e não sinto desespero ao pensar na morte. É claro que me preocupo com as pessoas próximas ou que dependem de mim, que eventualmente sentirão minha ausência, da mesma forma como senti a morte de vários amigos, de pessoas queridas, de um filho... Mas quanto a mim, isso não é motivo de preocupação. É muito mais importante nos preocuparmos com a vida.

